

Dossiê - Dossier

Homenagem a Ruth Monserrat

Tribute to Ruth Monserrat

organizado por / organized by
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Jorge Domingues Lopes
Lucas Barbosa de Melo
Lucivaldo Silva da Costa
Maria Cristina Macedo Alencar
Quélvia Souza Tavares
Sanderson C. Soares de Oliveira



UnB

Apresentação do dossiê

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.56731

É com imensa satisfação que apresento este dossiê em homenagem à Ruth Maria Fonini Monserrat, no volume 16 da RBLA. Ruth Monserrat, como é conhecida, compõe o grupo das primeiras mulheres linguistas do Brasil dedicadas ao estudo das línguas indígenas brasileiras, ao lado de Neuza M. Carson, Charlotte Emerich, Marita Porto Cavalcante, Yonne Leite, Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio, Daniele Grannier, Lucy Seki e Adair Palácio.

Ruth Monserrat tem-se destacado por ter dedicado sua vida, até o presente, à documentação e estudo linguístico de um número significativo de línguas (mais de três dezenas de línguas), abrindo caminho para os novos linguistas que passaram ou que passarão a se dedicar ao estudo dessas línguas, e que encontraram ou encontrarão o terreno já limpo, com visibilidade da complexidade das línguas, facilitando enormemente o trabalho de aprofundamento do conhecimento linguístico de cada uma delas. E nada mais confortável para uma linguista, aprendiz ou sênior, começar a estudar uma língua, contando com um conhecimento básico sobre ela.

Ruth Monserrat tem sido, assim, pioneira na descrição fonológica e gramatical das línguas Awetý (1977a, 1977b, 1988, 2002b, 2012a, 2012b, 2012c), Asuriní do Xingu (1986, 1998) e Mynky (2000a, 2002a, 2010). Contribuiu com estudos da fonologia e da gramática de muitas outras línguas, dentre as quais, Parakanã, Arára-Káro, Cinta-Larga, Munduruku, Amondáwa, Karipúna, Kaxinawá, Katukína-Páno e Kaxararí. Contribuiu também com vários vocabulários e dicionários dessas e de outras línguas, como mostram Alencar *et al.*, neste dossiê.

Com a sua habilidade de escritora esclarecida e visão de mulher comunista, colocou a sua atuação linguística a serviço dos índios, da educação e das línguas indígenas brasileiras, sem pretensões outras senão a de contribuir para o bem-estar dos povos indígenas e para o conhecimento linguístico de suas línguas. Atuou destarte pelo Brasil afora, de Roraima ao Rio Grande do Sul.

Com Charlotte Emerich protagonizou trabalho pioneiro sobre o português falado por indígenas Kamaiurá, uma contribuição ímpar à sociolinguística das línguas indígenas brasileiras. Com Marília Facó Soares (1983) explorou, pela primeira vez, o sistema de hierarquia de pessoa em línguas Tupí, focalizando marcação de nominais segundo o valor

hierárquico dos mesmos, inaugurando também uma discussão pioneira sobre ergatividade em línguas de diferentes famílias Tupí, sete anos depois do tema ser discutido por Michael Silverstein (1976) no livro *Hierarchy of Features and Ergativity*.

Em 1987, quando atuávamos na Fundação Nacional Pró-Memória, fomos curadoras da primeira exposição sobre materiais relativos à educação indígena no Brasil, durante a Reunião Anual da SBPC. A exposição foi montada no *hall* de entrada da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. A exposição tinha como objetivo chamar a atenção para a experiência negativa que indígenas brasileiros tinham tido, até então, com a educação promovida pela antiga FUNAI e por Missionários do SIL e seus associados, as missões ALEM e Novas Tribos do Brasil. Logo na entrada da exposição, expusemos cópia do discurso de Ailton Krenák na Assembleia Constituinte em letras capitais ampliadas.

Em 1987, com apoio do CNPq, fizemos uma pesquisa sobre neologismos na língua Katukína (Pano), falada na TI do rio Campinas, por serem os Katukina um dos grupos indígenas do Acre mais afetados pelo contato com não indígenas, desde que a sua TI foi cortada pela BR-364 (Rio Branco–Cruzeiro do Sul). Nessa mesma ida ao Acre, fomos aos Kaxararí, com o objetivo de realizar uma análise da fonologia da língua Kaxararí (ver Oliveira, neste dossiê). Nessa época, ainda não havia ramal da estrada até a aldeia, de forma que tivemos que caminhar dois dias pela floresta, em companhia de dois jovens Kaxararí e de uma mula, pernoitando, no meio da viagem, em uma colocação habitada por dois seringueiros e as filhas de um deles. Nessa colocação, vimos uma situação de exploração sexual de quatro meninas pelo próprio pai que as dividia com o seu parceiro. Saímos arrasadas com a situação observada.

Ao seguirmos viagem, Ruth resolveu montar na mula para suavizar a caminhada, mas foi pior a emenda do que o soneto, pois depois de umas duas horas de caminhada, no dorso da mula e nos sobes e desces da picada, ficara demasiadamente dolorida. Já perto da aldeia dos Kaxararí, nos perdemos dos dois guias, vivendo momentos de pânico, enquanto anoitecia daquelas matas distantes; e nada de acharmos o caminho para a aldeia. Nosso medo crescia quando nos lembrávamos da história contada pelos dois guias Kaxararí de duas missionárias que quase foram devoradas por uma onça, quando se perderam a caminho da aldeia. Mas, na verdade, nós não nos havíamos perdido de todo. Ocorre que os nossos guias nos deixaram de propósito, e nos contaram a história das duas missionárias já prevendo que nos pregariam uma peça. Lá pelas tantas, ouvimos risadas de toda a aldeia que estava bem perto de nós, do outro lado do igarapé, escondida pela mata ao redor.

Lá nos Kaxararí tive a minha iniciação na descrição da fonologia de uma língua indígena, na qualidade de assistente de Ruth Maria Fonini Monserrat. Presenciei, pela primeira vez e única vez, uma linguista trabalhar com dois colaboradores ao mesmo tempo, transcrevendo sentenças faladas por cada um ao seu turno, na rapidez de falas naturais; e Ruth transcrevia o que ouvia com impressionante destreza e rapidez admirável.

Foram quinze dias de trabalho de campo com alguns ocorridos inusitados. Uma vaca comeu nosso sabão, quando lavávamos nossa roupa na beira do igarapé, e um rato, que passava as noites na cumieira andando de um lado ao outro, findou por roer a corda com a qual havíamos amarrado o saco com o nosso rancho, no teto da velha casa da FUNAI, onde nos abrigamos. Sobrevivemos graças à generosidade dos Kaxararí que nos proveram com macaxeira, peixinhos e açai. E com Ruth aprendia sobre todo um universo novo para mim, o trabalho de campo de linguista. Ruth foi a melhor companheira de campo que já tive.

Com ela, organizamos o primeiro grande encontro de educação indígena no Brasil, que ficou conhecido como o BONDE, realizado no Convento de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, financiado em parte pela Fundação Nacional Pró-Memória, onde trabalhávamos. Participaram do evento todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos com a educação indígena.

No ano de 1987, também publicamos, em colaboração com Nietta Lindemberg Monte, o livro “Por uma experiência de Autoria dos índios do Acre”, o qual reuniu pessoas com experiências em diversas áreas do conhecimento e unissonamente defensores de uma educação indígena diferenciada.

Ruth foi muito bem registrada nesse livro por um dos professores indígenas, que reproduziu em forma de desenho, Ruth na sala de aula, ensinando o alfabeto em três línguas (Katukina, Jaminawa e Kaxinawá), nos idos de 1983-1985. Ela foi a primeira linguista a contribuir com o projeto “Uma experiência de autoria dos Índios do Acre”, coordenado por Nietta Lindemberg Monte e Vera Olinda.

De todas as tarefas que o Professor Aryon Dall’Igna Rodrigues sugeriu que deveriam ser feitas em prol das línguas indígenas, em seu artigo seminal “Tarefas da linguística no Brasil” (1966), Ruth Monserrat adiantou todas elas: estabeleceu ortografia para línguas ainda não dotadas de escrita, alfabetizou indígenas primeiramente na língua nativa, realizou estudos sincrônicos de línguas como são faladas na atualidade, realizou comparação de línguas procurando traçar algo de sua história e escreveu sobre contato linguístico, bilinguismo e políticas linguísticas.

Reprodução de desenho de uma aula de Ruth Monserrat por um professor



Fonte: Kaxinawá, extraída do livro *Por uma educação indígena diferenciada*, p. 86

Não foi por acaso que Aryon Dall’Igna Rodrigues a convidou para prefaciar o seu livro *Línguas Brasileiras. Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*.

O presente dossiê traz apenas algumas parcas menções à rica história profissional dessa grande linguista e humanista, Ruth Maria Fonini Monserrat, que continua ativa e que deve ser reconhecida pelo seu fundamental papel na história da linguística das línguas indígenas do Brasil. Vida longa à Ruth Maria Fonini Monserrat!

Referências

- Cabral, A. S. A. C., Monte, N. L., e Monserrat, Ruth Maria Fonini (Orgs.). 1987. *Por uma educação indígena diferenciada*. Brasília, Fundação Pró-Memória.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini. 1977a. *Prefixos Pessoais em Aweti*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, v. 1.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini. 1986. *Vocabulário Asurini do Coatinemo-Português*. Belém, Cimi Norte II, v. 1. 40p.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini. 1998. *A Língua Asurini do Xingu: notas gramaticais*. Belém, Cimi Norte II.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini. 2000a. *Dicionário Myky-Português e Vocabulário Munduruku-Português*. Caxias do Sul, Ed. UCS, v. 1. 45p.
- Monserrat, Ruth Maria Fonini. 2002a. Marcadores Pragmáticos na Língua Mynky. In Cabral, Ana Suely Arruda Câmara & Rodrigues, Aryon Dall’Igna

- Línguas indígenas brasileiras: Fonologia, Gramática e História. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém, EDUFPA, t. 1, pp. 142-148.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini. 2000b. *Descobrendo a Gramática da Língua Surui*, Rio Branco, Ed. Cimi/Amazônia Ocidental, v. 1. 20p.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini. 2002b. *Coletânea de trabalhos sobre línguas indígenas brasileiras e outras questões de política linguística e educação indígena: Língua Asurini - Gramática e Vocabulário; Sobre a Língua Mundurucu (Morfo-Sintaxe); Língua Aweti - Fonologia; Língua Aweti - Prefixos Pessoais; Línguas indígenas: A questão cultural; Índios Parakanã: Língua, Escola, Educação; O que é ensino bilíngue: A metodologia da gramática*. Caxias do Sul, Ed UCS, v. 1. 168p.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini. 2010. *A língua do povo M̃yky*. 1. ed. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, v. 1. 272p.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini. A nasalização em Awetí. 2012a. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 4, p. 41-56.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini. 2012b. A negação em Awetí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 4, pp. 29-39.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini. 2012c. Prefixos pessoais em Awetí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 4, pp. 15-28.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini, e Emmerich, Charlotte. 1977b. *Sobre a Fonologia da Língua Aweti*, v. 1. 30p.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini, e Amarante, Elizabeth Aracy Rondon. 1998b. *Dicionário Cultural Myky*. Rio de Janeiro.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini, e Amarante, Elizabeth Rondon. 1995b. *Dicionário Myky-Português*. Rio de Janeiro: Ed. Sepee / SR-5 / UFRJ.
- Monsserrat, Ruth Maria Fonini, Amarante Elizabeth Aracy Rondon, e Miki, Jamaxi. 2010. *Dicionário Myky*. Campinas, Editora Curt Nimuendajú, v. 1. 79p.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1966. Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos* (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada), vol. 1, n. 1, pp. 4-15.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas Brasileiras. Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo, Edições Loyola.
- Silverstein, Michael. 1976. Hierarchy of Features and Ergativity. In Dixon, RMW (ed.), *Grammatical Categories in Australian Languages*, Humanities Press Inc., New Jersey U.S.A pp. 112-171.